

Territórios da Resistência

Nos últimos anos, os movimentos sociais que lutam por moradia digna ganharam força na cidade de São Paulo. Seja em terrenos na periferia da cidade, ou em edifícios no centro abandonadas por problemas com o governo ou simplesmente para servir à especulação imobiliária, milhares de famílias vivem atualmente nesses locais, muitas vezes em condições precárias, reivindicando o acesso à moradia digna.

As ocupações colocam em conflito dois princípios jurídicos básicos: o direito à moradia versus o direito à propriedade, e em geral são resolvidos ao longo de anos de disputas judiciais.

Esse é um projeto pessoal de documentação fotográfica que venho desenvolvendo desde 2014 conhecendo um pouco mais sobre os movimentos sociais, sua história, organização e luta. Movimento feito por pessoas das mais diversas origens, imigrantes, refugiados e nascidos na própria capital que sempre tiveram imensa dificuldade em relação a moradia.

Chama minha atenção as histórias de lideranças que conheci ao longo desse tempo, entre as quais se destacam muitas mulheres fortes e guerreiras, conscientes do seu papel político e que resistem a esse sistema que segrega afastando os mais pobres para áreas distantes do centro em periferias esquecidas pelo poder público.

Embora politizado e organizado, o “movimento” não é homogêneo, são vários grupos que surgiram nas décadas de 90 e 2000 e continuam surgindo e se desdobrando. A quantidade de imóveis e terrenos desocupados em São Paulo é gigantesca. A questão voltou à discussão por conta da queda do governo de Dilma Roussef, que pôs em risco os programas sociais que davam esperança para a camada mais pobre da população no Brasil durante o governo do Partido dos Trabalhadores. Agora com o novo governo de extrema-direita, existe uma preocupação real e ainda maior na forma como será tratada – e criminalizada – essa questão.

Os líderes dos movimentos prometem intensificar a luta.

Zé Barretta



Edson Pielechovski dos Santos, ex-morador da ocupação Rio Branco, centro de São Paulo. No prédio funcionava a sede da Polícia Federal em São Paulo, e ficou abandonado quando o órgão público mudou de endereço. Este prédio sofreu um incêndio de grandes proporções no ano passado e caiu deixando ao menos 5 mortos e dezenas de desabrigados.



Menina carrega seu cachorro na noite em que todos os moradores desocupavam um prédio no centro. A ordem judicial previa que às 6h da manhã do dia seguinte o prédio deveria estar completamente desocupado sob pena de uso da força.



Um grupo força a porta trancada de um edifício desocupado. Se eles conseguem entrar e permanecer por 24 horas, apenas uma ordem judicial pode removê-los.



Treino de boxe na ocupação Hotel Cambridge. Um dos lemas do movimento é 'A luta é pra valer'.



Luana Rodrigues de Souza, moradora e coordenadora na ocupação Prestes Maia.



Maria do Carmo e sua filha Natalia Duarte na sua tenda na ocupação Vila Nova Palestina, periferia de São Paulo.



Forças policiais dispersam grupo que estava tentando entrar em edifício desocupado. São Paulo, centro.



Soraia dos Santos, uma das coordenadoras da ocupação Prestes Maia. Ela mora com a filha Amanda de 12 anos e cursa Veterinária.



Lucia Batista Maciel no seu quarto ainda vazio no recém ocupado prédio na avenida Ipiranga, centro de São Paulo.



Culto evangélico de imigrantes do Congo na ocupação Cine Marrocos, centro de São Paulo.



Culto evangélico na ocupação Prestes Maia.



O menino Richarlyson Simões Martins, 7 anos, joga 'Banco Imobiliário' na ocupação Vila Nova Palestina, periferia de São Paulo.



Moradora da ocupação Vila Nova Palestina, periferia de São Paulo. Essa é uma ocupação de um enorme terreno às margens da represa Guarapiranga, cada quarto é uma tenda e é possível ver o chão de terra batida.



Vila Nova Palestina, a maior ocupação de terras urbanas do Brasil com mais de 3000 famílias cadastradas.



O edifício Prestes Maia, uma das maiores ocupações urbanas da cidade com 23 andares e mais de 400 famílias cadastradas.



Um quarto vazio onde morava um casal. O prédio já foi desocupado por ordem judicial de reintegração de posse.



Richard Torres, peruano, faz tatuagem de um pitbull em estúdio na ocupação Marrocos no centro de São Paulo. O prédio já foi desocupado.



Manifestação contra violência policial e por direito à moradia na frente da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Município de São Paulo.



Menino brinca no pátio interno do edifício Mauá, centro de São Paulo.



Ivaneti Araujo, a Neti, líder do movimento que ocupa os edifícios Prestes Maia e Mauá, ambos na região da Luz, centro de São Paulo.



Dalva Costa, coordenadora, na ocupação Marrocos, e sua filha recém-nascida. Centro de São Paulo.



Meninos jogam video game dentro da ocupação Prestes Maia, centro de São Paulo.



Mulher sobe escadas com dificuldade na ocupação Prestes Maia. O prédio que tem 23 andares não possui elevadores e chegar em casa pode ser bastante cansativo.



Israel Ferreira de Souza, conhecido como 'gigante do container' por trabalhar com carga e descarga, em seu quarto na ocupação Prestes Maia.



Homem lava banheiro, que é compartilhado pelos moradores de cada andar, no edifício Prestes Maia.



Juliana da Silva e suas 4 filhas em seu quarto na ocupação Mauá.



Um homem em sua tenda sem energia elétrica na Vila Nova Palestina, a maior ocupação de terra em área urbana na periferia de São Paulo.



Crianças brincam em tenda na ocupação Vila Nova Palestina, periferia de São Paulo.



Homem em seu quarto dividido por lençol. A ocupação ficava em prédio público e já foi reintegrada.



Varal improvisado na ocupação Rio Branco. No prédio funcionava a sede da Polícia Federal em São Paulo, e ficou abandonado quando o órgão público mudou de endereço. Este prédio sofreu um incêndio de grandes proporções no ano passado e caiu deixando ao menos 5 mortos e dezenas de desabrigados.



Antiga sala do Cine Marrocos no centro de São Paulo. O edifício, que tem quatro torres abrigava centenas de famílias, muitos imigrantes e refugiados. O prédio foi totalmente desocupado e sofreu intervenção policial quando veio à tona que abrigava diversos traficantes.



Chegar em casa pode ser bem difícil para quem mora no 23º andar. A ocupação Prestes Maia, uma das maiores da cidade, não possui elevadores.



Vista do centro da cidade a partir da ocupação Rio Branco, antigo prédio da Polícia Federal, abandonado quando o órgão público se mudou para outro endereço. Este prédio sofreu um incêndio de grandes proporções no ano passado e caiu deixando ao menos 5 mortos e dezenas de desabrigados.



Vista do teatro Municipal a partir da ocupação Marrocos, centro de São Paulo.



Uma travesti olha a cidade da janela do seu quarto. Ela queria voltar para o nordeste, onde mora sua família. O prédio, onde funcionava um órgão público, já foi reintegrado.



Vista do pátio interno da ocupação Mauá.



Dois homens trancam a porta da frente com uma barra de ferro, temendo ação policial violenta. O prédio havia sido ocupado na noite anterior.

Sobre o autor

Zé Barretta (1973) fotógrafo independente com residência em São Paulo, desenvolve trabalhos pessoais de documentação fotográfica em temas urbanos, questões históricas e sociais.

Portfólio on-line: www.zebarretta.com